



**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA**

**EMPODERAMENTO CONTRA O RACISMO NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: uma
estratégia para a promoção da saúde**

FELIPE MARCELO NOGUEIRA DA SILVEIRA

ORIENTADORA: Prof^ª. Me. LARISSA TEBALDI DOS REIS

**Mesquita
2021**

Felipe Marcelo Nogueira da Silveira

**EMPODERAMENTO CONTRA O RACISMO NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: uma
estratégia para a promoção da saúde**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de especialista em Educação e Divulgação Científica.

Orientadora: Prof^a. Me. Larissa Tebaldi dos Reis

IFRJ - Campus Mesquita-RJ

2021

S587e

Silveira, Felipe Marcelo Nogueira da.

Empoderamento contra o racismo no programa segundo tempo: uma estratégia para a promoção da saúde. Rio de Janeiro: Mesquita, 2021.

36 p. il.

Trabalho de Conclusão (Curso especialização em Educação e Divulgação Científica do Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Divulgação Científica.) do IFRJ / Campus Mesquita, 2021.

Orientador: Prof. Me. Larissa Tebaldi dos Reis.

1. Educação em Saúde. 2. Salutogênese. 3. Empoderamento. 4. Racismo. I. Silveira, Felipe Marcelo Nogueira da. II. Instituto Federal do Rio de Janeiro. III. Título.

TCC/IFRJ/CMesq EDC/PG

Felipe Marcelo Nogueira da Silveira

EMPODERAMENTO CONTRA O RACISMO NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: uma estratégia para a promoção da saúde

Trabalho de conclusão de curso apresentado como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de especialista em Educação e Divulgação Científica.

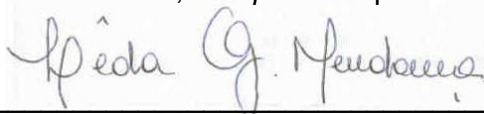
Aprovado em: 22 de dezembro de 2021



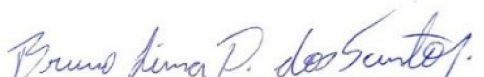
Prof^a. Me. Larissa Tebaldi dos Reis
Orientadora - IFRJ, *Campus* Duque de Caxias



Prof^a. Dr^a. Marta Ferreira Abdala Mendes
IFRJ, *Campus* Mesquita



Prof^a. Dr^a. Lêda Glicério Mendonça
IFRJ - *Campus* Realengo



Prof. Me. Bruno Lima Patrício dos Santos
IFRJ, *Campus* Duque de Caxias

Campus Mesquita-RJ
2021

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Saúde no rio da vida11

SILVEIRA, Felipe Marcelo Nogueira da. EMPODERAMENTO CONTRA O RACISMO NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO: uma estratégia para a promoção da saúde. 35p. Trabalho de Conclusão de Curso. Programa de Pós-Graduação Lato Sensu em Educação e Divulgação Científica, Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Campus Mesquita, Mesquita, RJ, 2021.

RESUMO

Esse estudo aborda a educação em saúde no Programa Segundo Tempo (PST), uma iniciativa do Governo Federal para promoção do esporte entre populações em situação de vulnerabilidade social. Este Programa oferece atividades de múltiplas vivências para crianças e adolescentes em todo território nacional e é uma importante iniciativa para a Promoção da Saúde segundo os princípios da carta de Ottawa, em que a saúde vai muito além da não doença, é o bem-estar global dos indivíduos e envolve diversas esferas da vida, dentre elas o empoderamento individual e coletivo. Assim, buscamos responder a pergunta: de que forma o programa Segundo Tempo contempla a temática da Promoção da Saúde, considerando o âmbito do empoderamento? Para responder a essa pergunta, analisamos a diretriz do PST, a partir dos princípios de empoderamento individual e coletivo, inseridos no conceito de salutogênese e encontramos evidências de incentivo a essas práticas. A partir dessa análise e de dados do racismo estrutural no Brasil, construímos uma proposta de atividades de empoderamento, especificamente negro, para os participantes do PST, baseadas na educação dialógica de Paulo Freire.

Palavras-chave: Educação em Saúde; Promoção da Saúde; Salutogênese; Empoderamento; Racismo.

ABSTRACT

This study addresses health education in the Segundo Tempo Program (PST), a Federal Government initiative to promote sport among populations in situations of social vulnerability. This Program offers activities with multiple experiences for children and adolescents throughout the country and is an important initiative for the promotion of health in accordance with the principles of the Ottawa Charter, in which health goes far beyond non-disease, it is the global well-being of individuals and it involves different spheres of life, including individual and collective empowerment. Thus, we seek to answer the question: how does the Segundo Tempo program address the theme of Health Promotion, considering the scope of empowerment? To answer this question, we analyzed the PST guideline, based on the principles of individual and collective empowerment, inserted in the concept of salutogenesis and found evidence of encouragement to these practices. Based on this analysis and data on structural racism in Brazil, we built a proposal for empowerment activities, specifically black, for PST participants, based on Paulo Freire's dialogic education.

Keywords: Health Education; Health promotion; Salutogenesis; Empowerment; Racism.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela minha vida, e por me permitir ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização deste trabalho.

A minha esposa Mariana e minha filha Sophia, que me incentivaram nos momentos difíceis e compreenderam a minha ausência enquanto eu me dedicava à realização deste trabalho.

Aos meus pais e meus irmãos, por todo o apoio de sempre, me ajudaram e contribuíram muito me dando força.

A professora e orientadora Larissa Tebaldi, pela ajuda e paciência com a qual guiou o meu desempenho para a conclusão do trabalho.

Por fim, agradecer a instituição de ensino por toda a estrutura e conforto, foram fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa que possibilitou na realização desse trabalho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
3 PROGRAMA SEGUNDO TEMPO – O QUE DIZ SUA DIRETRIZ?.....	16
3.1 PROMOÇÃO DA SAÚDE.....	17
3.2 EMPODERAMENTO.....	19
4 EDUCAÇÃO CIENTÍFICA PARA O EMPODERAMENTO.....	21
4.1 O RACISMO.....	22
5 A SEMANA DE EMPODERAMENTO CONTRA O RACISMO.....	25
5.1 CURTA METRAGEM “DÚDÚ E O LÁPIS COR DE PELE”	25
5.1.1 RODA DE CONVERSA SOBRE EMPODERAMENTO RACIAL.....	26
5.2 VÍDEO DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL.....	27
5.3 CANÇÃO AMARELO DO RAPPER E ATIVISTA NEGRO EMICIDA.....	28
5.4 ATIVIDADE PRÁTICA SOBRE A CAPOEIRA.....	31
5.5 ATIVIDADE PRÁTICA MACULELÊ.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O esporte tem importante papel na promoção da saúde e no empoderamento dos seus participantes, sendo fundamental sua promoção pelo estado para melhoria da qualidade de vida da população.

O esporte é reconhecido como fenômeno sociocultural e que por meio do artigo 217 da Constituição Federal, é “direito de todos” e “dever do Estado”, tendo no jogo o seu vínculo cultural e na competição o seu elemento essencial; e, portanto, deve contribuir para a formação e a aproximação dos seres humanos de modo a reforçar o desenvolvimento de valores como moral, ética, solidariedade, fraternidade e cooperação” (BRASIL, 2018, p.4).

No Brasil, o Governo Federal através do Ministério do Esporte criou em 2003 o Programa Segundo Tempo, e que a partir de sua diretriz atual tem como objetivo:

[...] democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte educacional, promovendo o desenvolvimento integral de crianças e adolescentes como fator de formação da cidadania e de melhoria da qualidade de vida, prioritariamente daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social e que estejam regularmente matriculados na rede pública de ensino (BRASIL, 2018, p. 6).

O Programa Segundo Tempo, conforme a diretriz do ano de 2018, atende a meninos e meninas da rede pública de ensino no Brasil, com faixa etária de 06 a 17 anos, e oferece atividades de múltiplas vivências esportivas. O programa atende aproximadamente 980 mil crianças em todos os estados do Brasil e Distrito Federal. As atividades acontecem em diferentes espaços, como escolas com quadra poliesportiva, pátio coberto, piscina, ginásio esportivo, pátio do corpo de bombeiros, instalações militares entre outros. O programa é organizado em núcleos, que contém aproximadamente 100 beneficiados cada um, com carga horária de 20 horas semanais no contraturno do horário escolar, com 1.481 núcleos no Brasil e 18 núcleos no Estado do Rio de Janeiro, segundo o último Mapeamento do Programa no Brasil (DO COUTO, 2007, p. 61).

Diante do exposto, o trabalho pretende reforçar também a importância da Promoção da Saúde, que visa melhorar a qualidade de vida dos participantes, além de enfatizar que a prevenção é um pilar essencial para a saúde. Segundo Carvalho (2004) as práticas de promoção e educação em saúde pretendem contribuir para a formação da “consciência sanitária” do indivíduo, objetivando manter a harmonia e uma relação saudável dele com o seu meio externo. Ou seja, a Promoção da Saúde é entendida de forma positiva nesse trabalho como prevenção e reforçará aos participantes que esse conceito não deve ser responsabilidade exclusiva do setor de saúde, e sim, que toda a população possa agir e ter o controle sobre assuntos relacionados a saúde.

O sociólogo e médico Aron Antonovsky criou uma proposta que foi considerada importante para a promoção e qualidade de vida das pessoas. Diferente dos estudos que abordavam o porquê as pessoas ficarem doentes, a causa, e todo o seu processo de tratamento, Antonovsky apresentou o conceito da salutogênese que visa mostrar como podemos nos manter saudáveis. Dentro desse contexto, o termo salutogênese terá uma abordagem importante nesse trabalho uma vez que esse conceito apresenta questões pertinentes à saúde e levam as pessoas a terem conhecimento e consciência para buscar uma forma de vida mais saudável. Esse conceito contribui na Promoção da saúde e no desenvolvimento pessoal e social para que a população tenha um fortalecimento na questão da saúde em diferentes cenários de vida (ERIKSSON, LINDSTRÖM, 2008). Assim, o desenvolvimento do conceito salutogênese se torna importante para o Programa Segundo Tempo, que visa propor métodos de promoção da saúde e permite experiências para a comunidade, conseqüentemente para motivar e empoderar os participantes, sendo um instrumento social necessário para desenvolver na prática, todo seu potencial transformador.

Dentro do conceito de Salutogênese, o empoderamento individual e coletivo visam fortalecer a autoestima e dar voz aos participantes do programa, uma vez que essas crianças e adolescentes fazem parte da população que vive em área de vulnerabilidade social e que em sua maioria é composta por pardos e negros. Com isso, Valoura (2005) aponta que o empoderamento é importante na conquista da liberdade, avanço e superação do estado de subordinação (dependência econômica, física etc.) por parte daquele que se empodera (sujeito ativo do processo), e não uma simples doação ou transferência por benevolência. Assim, o empoderamento é importante no contexto do Programa Segundo Tempo, porque visa proporcionar motivação e autonomia para seus participantes, principalmente para minorias sub-representadas nas esferas de poder da sociedade, como os negros. O reflexo negativo, por conta da cor da pele, é uma consequência deixada pelo passado marcado pela escravidão, e atinge principalmente pessoas que vivem na periferia. Esses resultados refletem na desigualdade social, que é composta por uma estrutura de poder desigual em nosso país.

O Programa Segundo Tempo, por ter o caráter de mudança de vida através do esporte e ser de dimensão nacional, tem sido objeto de estudo para diversos pesquisadores, em diversas áreas distintas. Relacionando a Promoção da Saúde ao Programa, temos Cavasini (2016), que pesquisou sobre a importância da Educação Ambiental para o programa, e destacou que as principais características das atividades educacionais e os temas mais presentes no Programa Segundo Tempo, foram a promoção da saúde, qualidade de vida, preservação e conservação ambiental e o objetivo mais encontrado foi o

desenvolvimento de comportamentos e atitudes dos participantes do programa. Para Saad (2010), a temática Promoção da Saúde é tratada nas aulas de Educação Física do programa Segundo Tempo de forma superficial e limita-se ao simples repasse de informações de assuntos relacionados à saúde e que deveria haver uma educação voltada para a saúde, como estabelece o princípio geral do programa Segundo Tempo.

A partir do que já foi dito anteriormente, a nossa pergunta de pesquisa é “de que forma o Programa Segundo Tempo contempla a temática Promoção da Saúde, considerando o âmbito do empoderamento dos participantes?”. Para respondê-la, analisamos a diretriz do Programa, a partir do conceito de empoderamento, no contexto da Promoção da Saúde e apresentamos uma proposta de atividade prática que atenda a demanda de empoderamento, especificamente racial, para o Programa Segundo Tempo, sendo uma pesquisa qualitativa, descritiva e com caráter propositivo.

No capítulo “PROGRAMA SEGUNDO TEMPO – O QUE DIZ SUA DIRETRIZ?” foi realizada uma caracterização do Programa Segundo Tempo, tomando como base a diretriz do programa disponibilizada no site do Ministério da Cidadania, através da Secretaria Especial do Esporte, do ano 2018. A diretriz foi analisada à luz dos principais conceitos relacionados à Educação em Saúde e Promoção da Saúde, como a salutogênese e o empoderamento psicológico e comunitário. Foi utilizada a análise documental de Sá-Silva, Almeida e Guindani do ano de 2009, buscando compreender como esses conceitos são tratados e explicitados no documento. No capítulo “EDUCAÇÃO PARA O EMPODERAMENTO” tratamos da Educação dialógica de Paulo Freire para promoção do empoderamento racial e traçamos um breve panorama sobre o racismo estrutural na saúde brasileira. O capítulo final “SEMANA DO EMPODERAMENTO CONTRA O RACISMO” é uma resposta aos capítulos anteriores com a construção de seis atividades que podem ser implementadas no Programa Segundo Tempo, de modo a promover o debate de questões raciais entre os participantes, iniciando com o racismo individual de cada dia. Será trabalhado o racismo estrutural e por último abordamos o empoderamento e valorização da cultura negra. Em seguida do quê? São as atividades da semana?

Esta pesquisa torna-se relevante porque investiga a educação em saúde no Programa Segundo Tempo e visa propor alternativas para a promoção da saúde através do esporte para a qualidade de vida dos participantes. Ao identificar as necessidades desses participantes que vivem em áreas de vulnerabilidade socio-econômica é possível propor ações de aprendizagem, que façam com que eles tomem decisões importantes para a vida relacionadas a assuntos como: política, economia, saúde, cultura entre outros aspectos de ordem social e individual, capazes de refletir diretamente sobre a autonomia de cada um.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em novembro 1986, aconteceu a Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde, realizada em Ottawa no Canadá, que teve como objetivo apresentar uma carta com proposições para a melhoria da saúde da população global a partir do ano 2000 e anos subsequentes. Conforme a Carta de Ottawa (OMS, 1986, p. 1) “a promoção da saúde não é responsabilidade exclusiva do setor saúde, e vai para além de um estilo de vida saudável, na direção de um bem-estar global”. Nesse sentido a Carta de Ottawa destaca a importância e a contribuição da população e do setor de saúde para que aconteça a promoção da saúde e para que sejam alcançados os objetivos propostos para a melhoria da saúde em todo o mundo.

A Conferência Internacional sobre Promoção de Saúde, realizada em Ottawa (1986), postula a ideia da saúde como qualidade de vida resultante de complexo processo condicionado por diversos fatores, tais como, entre outros, alimentação, justiça social, ecossistema, renda e educação (CZERESNIA, 2003. p.45).

A Promoção da Saúde está ligada a um processo de capacitação da população para a melhoria da qualidade de vida e saúde individual e da comunidade, fazendo com que essas pessoas tenham uma participação ativa para manter uma vida saudável, junto ao setor de saúde e não como apenas clientela do mesmo. Para essa população chegar a um estado de bem-estar, é necessário que obtenham alguns pré-requisitos básicos da saúde como “Paz – Habitação – Educação – Alimentação – Renda – ecossistema estável – recursos sustentáveis - justiça social e equidade” (OMS, 1986, p.1). Nesse contexto, a Educação em Saúde é um importante fator a ser abordado na Promoção da Saúde. Ela tem como objetivo promover um processo educativo para a construção de conhecimentos em saúde. Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2012, p. 19) a Educação em Saúde é um “conjunto de práticas do setor que contribui para aumentar a autonomia das pessoas no seu cuidado e no debate com os profissionais e os gestores a fim de alcançar uma atenção de saúde de acordo com suas necessidades”. Com isso, a Educação em Saúde é uma importante ferramenta da Promoção da Saúde, que auxilia o indivíduo na aquisição de atitudes e hábitos que influenciam em seu comportamento para a melhoria da qualidade de vida, individual e coletiva, tornando o indivíduo mais autônomo capaz de perceber e encarar seus desafios em prol da saúde.

Partindo desse conceito, destacamos a importância de incluir outro conceito, o do empoderamento, que busca o desenvolvimento de habilidades pessoais para que as pessoas tenham autonomia para tomar decisões pertinentes a sua vida, incluindo questões referentes à saúde.

O conceito de empoderamento ou, no seu original em inglês, *empowerment*, indiretamente, está relacionado à definição de autonomia, destacando-se assim a capacidade de indivíduos e grupos poderem decidir sobre questões que lhes dizem respeito, tais como: política, economia, saúde, cultura, entre outros aspectos de ordem social e individual (SALCI et al, 2013, p. 227).

Conforme os autores, o empoderamento é relacionado pela autonomia do indivíduo ou de grupos, que tem como objetivo a capacidade de decidir sobre diversas questões da vida ou em prol de alguma melhoria para a comunidade. O empoderamento está atrelado basicamente em dois tipos: o psicológico e o social/comunitário. O primeiro destaca a importância da decisão sobre o controle da sua própria vida, o segundo aborda alguns conceitos que dão voz aos grupos de pessoas marginalizadas e faz com que eles tomem decisões para a melhoria e o controle da qualidade de vida (CARVALHO; GASTALDO, 2008).

A partir dessa perspectiva destacamos nessa pesquisa o conceito da Salutogênese, que busca explicar as razões que levam alguém a estar saudável. Esse conceito representa uma mudança de paradigma nas ciências da saúde, que até então buscavam uma explicação apenas para a razão de alguém estar doente. Esse conceito é um recurso positivo que auxilia a pessoa na superação das dificuldades que surgem na sua vida. Para Salci *et al* (2013, p. 226), a “saúde deve ser utilizada como um recurso para a vida, e não como um objetivo de viver. Nesse sentido, a saúde é um conceito positivo”. Sendo assim a salutogênese vai ao encontro das ações propostas na Carta de Ottawa, pois referem que a promoção da saúde é o processo de capacitar indivíduos e comunidades, como na ação de desenvolvimento de habilidades pessoais (SALCI *et al*, 2013).

Para ilustrar melhor o desenvolvimento da Promoção da Saúde e da teoria salutogênica, é apresentado pelos autores Eriksson e Lindström a metáfora da imagem “Saúde no Rio da Vida” (figura 1), que conforme eles

... é uma maneira simples de demonstrar as características da medicina (cuidados e tratamento) e da saúde pública (prevenção e promoção), deslocando a perspectiva e o foco da medicina para a saúde pública e a promoção da saúde em direção à saúde da população (ERIKSSON; LINDSTRÖM, 2008, p. 194).

Observando a metáfora da "Saúde no Rio da Vida", temos:

- A Cura ou tratamento de doenças. Essa perspectiva curativa aborda que nós salvamos as pessoas de se afogarem, usando alguns recursos como a tecnologia e profissionais qualificados.

- A Proteção de saúde e prevenção de doenças. Pode ser dividida em duas etapas a protetiva e preventiva. A perspectiva protetiva significa que as intervenções vão limitando

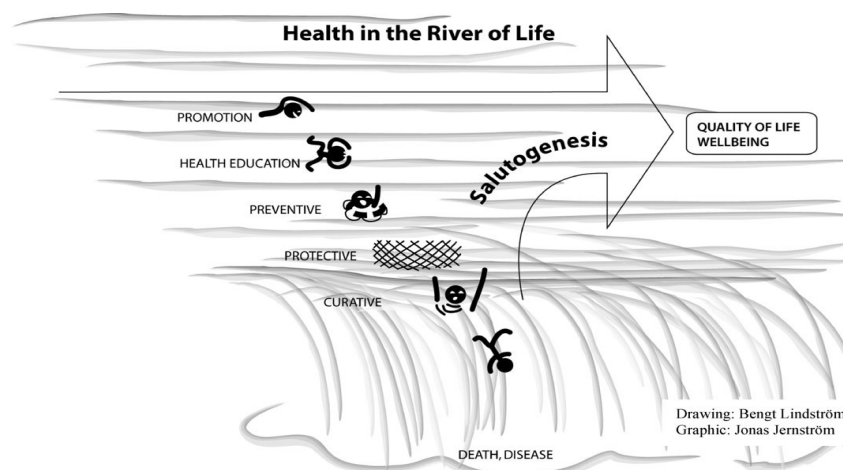
os riscos da doença. Os esforços e as intervenções são baseados na população e são passivas. Já o preventivo visa prevenir doenças por intervenções ativas caracterizadas por uma atitude empoderadora em que as pessoas estão ativamente envolvidas.

- Educação em saúde é baseada em profissionais que informavam pessoas de riscos para a saúde e davam conselhos sobre como as pessoas deveriam viver suas vidas. Hoje é baseado em um diálogo, envolvendo pessoas em suas próprias vidas, tomando suas próprias decisões apoiadas pelos profissionais.

- Na promoção da saúde, a saúde é vista como direito humano. O indivíduo se torna um sujeito ativo e participante. A tarefa para os profissionais é para apoiar e fornecer opções, permitindo que as pessoas façam escolhas acertadas, apontar os principais determinantes da saúde.

A boa saúde percebida é um determinante para a qualidade de vida que vai em direção ao conceito da salutogênese. Nessa metáfora, a imagem do rio está cheia de riscos e recursos. No entanto, o resultado é em grande parte baseado em nossa capacidade de identificar e usar os recursos para melhorar nossas opções de saúde e vida (ERIKSSON; LINDSTRÖM, 2008, p. 195). Dessa forma a Educação em Saúde tem papel fundamental para o entendimento do indivíduo com assuntos pertinentes a saúde, além de proporcionar a construção de um espaço importante na vinculação de novos conhecimentos e práticas relacionadas dando autonomia ao indivíduo e promovendo o empoderamento.

Figura 1 – Saúde no rio da vida



FONTE: Eriksson e Lindström, 2008 (p.195).

Partindo do conceito de autonomia do indivíduo que busca a tomada de decisões em prol da qualidade de vida, Salci et al (2013, p. 227) definem o empoderamento como “processo no qual os indivíduos que as compõem obtêm controle sobre suas vidas e

participam democraticamente no cotidiano de diferentes arranjos coletivos com competências para criticar seu ambiente”. O empoderamento pode ser definido por dois conceitos o psicológico e o social/comunitário. O psicológico resgata potencialidades individuais para que a pessoa tenha maior controle sobre sua própria vida (SALCI et al, 2013, p. 228.). Para Carvalho e Gastaldo (2008):

O empoderamento social pode ser considerado, por conseguinte, um processo que conduz à legitimação e dá voz a grupos marginalizados e, ao mesmo tempo, remove barreiras que limitam a produção de uma vida saudável para distintos grupos sociais. (CARVALHO, GASTALDO 2008, p. 2032).

A partir desses conceitos o empoderamento psicológico baseia-se em compreender a autonomia como uma questão individual, já o empoderamento social tem o enfoque na contribuição e na integração em prol da cidadania em modo coletivo. Nesse contexto a pedagogia libertadora de Paulo Freire traz alguns conceitos importantes a serem abordados, como a comunicação e o diálogo que tem papel fundamental no empoderamento do indivíduo dando voz a assuntos pertinentes à saúde e à vida. De acordo com a pedagogia libertadora, Paulo Freire “propõe a emancipação e a autonomia do sujeito, que tem como proposta inicial a alfabetização de jovens e adultos e, paulatinamente, foi sendo utilizada e considerada uma importante metodologia para trabalhar a promoção da saúde” (FREIRE, 1996).

Apesar dos direitos pela autonomia de cada indivíduo, sabemos que no Brasil ainda existe grandes desigualdades, onde alguns grupos têm mais benefícios em diversos aspectos como emprego, salário, moradia entre outros. Nesse sentido é possível falar sobre o racismo estrutural e que grande parcela dos participantes do programa sofre pela sua condição. Conforme Bersani o racismo estrutural é:

um sistema de opressão cuja ação transcende a mera formatação das instituições, eis que perpassa desde a apreensão estética até todo e qualquer espaço nos âmbitos público e privado, haja vista ser estruturante das relações sociais e, portanto, estar na configuração da sociedade, sendo por ela naturalizado (BERSANI, 2017, p. 381).

Acreditamos que o empoderamento psicológico e coletivo das populações que sofrem racismo tem importante papel na desconstrução do racismo estrutural. Dessa forma, o trabalho buscou investigar de que forma o empoderamento está inserido no Programa Segundo Tempo.

3 PROGRAMA SEGUNDO TEMPO – O QUE DIZ SUA DIRETRIZ?

A diretriz do Programa Segundo Tempo do ano de 2018 é um conjunto de instruções que visam resguardar os princípios constitucionais da Administração Pública. Este documento atualiza as diretrizes anteriores do Programa Segundo Tempo e dá publicidade às orientações e aos procedimentos necessários à elaboração de propostas de trabalho, conforme legislação vigente, buscando assim, nortear a iniciativa de entidades que estejam aptas e que manifestem interesse em formalizar parceria com a Secretaria Especial do Esporte (BRASIL, 2018).

Conforme o art. 217 da Constituição Federal é dever do Estado garantir à sociedade o acesso ao esporte e ao lazer, independentemente da condição socioeconômica de seus distintos segmentos (BRASIL, 1988). A tarefa da Secretaria Especial do Esporte é formular e implementar políticas públicas esportivas que venham assegurar esses direitos garantidos legalmente pela Constituição Federal e pelas demais normas infraconstitucionais a todos os cidadãos. Para tanto, deve-se zelar pela qualidade, de vida de seus participantes, visando o crescimento do esporte e do lazer em todo o País (BRASIL, 2018).

Concordamos com Cardoso, Kunz e Cunha (2016) que a educação física responsável é aquela que desenvolve atividades não no modelo terapêutico, mas no modelo da salutogênese buscando atender a pessoa com enfermidade e manter a saúde das pessoas apesar dos contrastes da vida moderna:

Nossas crianças e jovens precisam ser atendidos naquilo que diz respeito a ser mais saudável e não fazer exercícios simplesmente para evitar doenças cardiorrespiratórias, para uma melhoria na flexibilidade, reforço na musculatura dorso-lombar e prática de exercícios de descontração e de habilidades gerais (CARDOSO, KUNZ e CUNHA, 2016. p.175).

Nesse sentido, o PST, em sua diretriz, demonstra uma atenção especial ao desenvolvimento pessoal dos participantes, dando um passo a mais em busca da salutogênese, como podemos perceber nos dois fragmentos de texto da diretriz:

busca-se democratizar o acesso à prática e à cultura do esporte, de forma a promover o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes, jovens e adultos como fator de formação da cidadania e de melhoria da qualidade de vida, prioritariamente, daqueles que se encontram em áreas de vulnerabilidade social (BRASIL, 2018. p.4).

e,

Diálogo, para incentivar a integração dos beneficiados no planejamento das atividades, na construção de uma vida coletiva saudável e na resolução de conflitos, visando assim estimular a consciência social e política das novas gerações; (BRASIL, 2018. p.8).

Estes trechos mostram que o PST tem em sua diretriz alguns princípios importantes da salutogênese, tais como a formação de cidadania através da prática social, a construção conjunta da autonomia e empoderamento dos participantes do Programa, enfatizando a formação do indivíduo de forma global e não apenas a prática esportiva como forma de evitar a doença.

3.1 PROMOÇÃO DA SAÚDE

Desde a implementação da Carta de Ottawa em 1986, a Promoção da Saúde tem sido tema para grandes debates e sendo defendido por diferentes autores por conta de sua importância na questão da saúde. Candeias (1997, p.210) “define promoção em saúde como uma combinação de apoios educacionais e ambientais que visam a atingir ações e condições de vida conducentes à saúde”. Este conceito está associado a um conjunto de valores: vida, saúde, solidariedade, equidade, democracia, cidadania, desenvolvimento, participação e campos de ação conjunta. Alguns autores ressaltam a promoção da saúde como estratégias para benefício da população. Segundo a Política Nacional de Promoção da Saúde:

A estratégia de promoção da saúde é retomada como uma possibilidade de enfocar os aspectos que determinam o processo saúde-doença em nosso País – como, por exemplo: violência, desemprego, subemprego, falta de saneamento básico, habitação inadequada e/ou ausente, dificuldade de acesso à educação, fome, urbanização desordenada, qualidade do ar e da água ameaçada e deteriorada; e potencializam formas mais amplas de intervir em saúde (BRASIL, 2010, p.10).

Já para Carvalho e Gastaldo (2008, p. 2030), “dentre as estratégias priorizadas pela Promoção à Saúde, merecem destaque a constituição de políticas públicas saudáveis, a criação de ambientes sustentáveis, a reorientação dos serviços de saúde, o desenvolvimento da capacidade dos sujeitos individuais e o fortalecimento de ações comunitárias”. O Programa Segundo Tempo apesar de ser voltado em sua maior parte para a promoção de atividades esportivas educacionais, não se resume a isso, conforme podemos verificar em trechos de sua diretriz, cujo objetivo principal do Programa é “democratizar o acesso de crianças e adolescentes aos conteúdos das práticas corporais por meio do esporte educacional de qualidade” (p.7), porém em um de seus objetivos específicos é “motivar a promoção de ações intersetoriais que integrem a política esportiva educacional aos demais setores (educação, saúde, cultura, defesa entre outros).” Ações intersetoriais são fundamentais para a promoção da saúde. Conforme Campos, Barros e Castro esclarecem:

Intersetorialidade é processo de construção compartilhada, em que os diversos setores envolvidos são tocados por saberes, linguagens e modos de fazer que não lhes são usuais, pois pertencem ou se localizam no núcleo da atividade de seus parceiros. A intersectorialidade implica a existência de algum grau de abertura em cada setor envolvido para dialogar, estabelecendo vínculos de corresponsabilidade e cogestão pela melhoria da qualidade de vida da população (CAMPOS, BARROS E CASTRO, 2004, p.747).

Desse modo, podemos verificar que o Programa Segundo Tempo deixa claro em sua diretriz que está permeável às ações intersectoriais de modo a promover a saúde e qualidade de vida de seus beneficiados. A Promoção da Saúde pode ser dividida em eixos temáticos e áreas de atuação conforme o quadro 1, adaptado de Campos, Barros e Castro, (2004).

Quadro 1 - Adaptação de parte do quadro 'Promoção da Saúde' de Campos, Barros e Castro (2004) referente ao eixo temático 'Modo de viver'.

Eixo temático	Áreas de trabalho
Modo de viver	Alimentação e nutrição
	Atividade física e lazer
	Redução de danos decorrentes do consumo de álcool, tabaco e outras drogas
	Direito ao exercício autônomo da sexualidade
	Respeito à diversidade sexual
	Equidade de gênero, raça/etnia e cor
	Envelhecimento

Quando falamos de Promoção da Saúde, o eixo temático 'Modo de Viver' trata basicamente da autonomia do cidadão relacionado ao empoderamento psicológico (individual) e social/comunitário (coletivo). "A autonomia implica necessariamente a construção de maiores capacidades de análise e de corresponsabilização pelo cuidado consigo, com os outros, com o ambiente; enfim, com a vida" (Campos, Barros e Castro, 2004. p.747). Como uma das áreas prioritárias desse eixo, temos 'Atividade física e lazer', que é plenamente contemplada pelo PST. Porém o Programa Segundo Tempo também busca contribuir com a área 'Equidade de gênero, raça/etnia e cor', deste mesmo eixo, quando a diretriz traz como princípios do Programa: A participação Irrestrita, que "diz respeito à democratização da participação, possibilitando o acesso pleno às práticas corporais, sem qualquer distinção ou discriminação de cor, raça, gênero, sexo ou religião (p.8)".

A não discriminação é muito importante para a formação cidadã e a promoção da saúde, especialmente, a saúde mental dos participantes, uma vez que a autoestima relacionada a autoimagem influencia os estados mentais. No entanto, apenas a não discriminação não basta num país concebido através de mais de três séculos de escravidão

do povo negro e extermínio do povo indígena. Nesse sentido, se faz necessário a presença de práticas antirracistas e empoderamento individual e coletivo relativos a questões de cor e raça.

3.2 EMPODERAMENTO

O empoderamento psicológico ou individual tem como objetivo que as pessoas sejam capazes de tomar decisões em suas próprias vidas com consciência e criticidade.

O empoderamento individual traz uma maior interação do indivíduo com sua saúde, maior consciência para tomada de decisão sobre quais cuidados necessita, como deseja ser cuidado e principalmente, autonomia para fazer escolhas que julgar mais importantes para sua vida, com conhecimento e consciência das vantagens e desvantagens, bem como as consequências que permeiam as escolhas (SALCI et al, 2013 p.228).

Dessa forma, o empoderamento individual pode ser explorado na diretriz do PST a partir do trecho “Liberdade de escolha, já que os beneficiados podem decidir a partir dos 15 anos por apenas uma modalidade esportiva, de acordo com seu interesse” (p.8), que deixa claro a importância dada ao poder de escolher dos participantes, como forma de exercer a cidadania. Além da liberdade de escolha, o PST também busca oferecer aos participantes experiências que potencializem “Compreender o universo de produção de padrões de desempenho, *saúde, beleza e estética corporal* que atravessam as práticas corporais e o modo como afetam os gostos e as preferências pessoais nesse campo” (p. 7). A compreensão desse universo e discussão sobre a construção de padrões, em especial, os estéticos podem potencializar o empoderamento psicológico dos beneficiados, através da valorização da diversidade de corpos e formas de ser no mundo.

Portanto, esse processo apresenta possibilidades aos indivíduos a obterem maior controle sobre suas vidas, ou seja, torna o indivíduo mais empoderado, capaz de se comportar de uma determinada maneira e acaba influenciando seu meio e atuando de acordo com seus princípios em prol dos benefícios à comunidade (CARVALHO, GASTALDO, 2008). Esses benefícios estão intimamente ligados ao empoderamento social/comunitário que,

Indica processos que procuram promover a participação social visando ao aumento do controle sobre a vida por parte de indivíduos e comunidades, à eficácia política, a uma maior justiça social e à melhoria da qualidade de vida. Espera-se, como resultado, o aumento da capacidade dos indivíduos e coletivos para definirem, analisarem e atuarem sobre seus próprios problemas através da aquisição de habilidades para responder aos desafios da vida em sociedade (CARVALHO, GASTALDO 2008, p. 2032).

A diretriz do PST apresenta elementos que podem contribuir para o empoderamento coletivo dos seus beneficiados, tais como o uso do esporte para promover atitudes e valores relacionados ao fortalecimento dos grupos sociais como: “participação de

todos, cooperação, coeducação, corresponsabilidade, respeito às regras e aos colegas, inclusão, regionalismo, emancipação e totalidade” (BRASIL, 2018. p. 7) e “reforçar o desenvolvimento de valores como moral, ética, solidariedade, fraternidade e cooperação” (p.4). No documento também encontramos o estímulo à participação social,

mediante a qual meninos e meninas são estimulados a participar de atividades ligadas à educação, cultura, meio ambiente, esporte e lazer no município onde moram para que venham a conhecer melhor suas raízes, seu povo e a sua realidade; e, assim, possam *valorizar sua cultura e história e atuar como agentes de transformação social* (p.8);

Ainda, apresenta como um dos princípios do Programa, o Direito de Cidadania que busca oferecer o esporte e lazer a todas as pessoas, como direito constitucional, através do desenvolvimento do esporte educacional e suas práticas, que “apresentam-se enquanto prática social comprometida com os avanços sociais, como a *equidade e a justiça social*” (p.6).

Dentre esses aspectos importantes sobre a participação irrestrita dos alunos no PST, a diretriz destaca o empoderamento coletivo como conceito imprescindível para o desenvolvimento da educação e promoção de saúde elencadas através das atividades. Dessa forma, o indivíduo pode adquirir coletivamente as ferramentas necessárias para seu empoderamento.

No entanto, empoderamento não deve significar um conceito puramente instrumental, orientado somente à obtenção de resultados eficientes, mas sim, como um instrumento capaz de constituir uma afirmação das possibilidades de realização plena dos direitos das pessoas (SALCI e et al, 2013, p. 227).

Dessa forma, podemos observar que a diretriz do Programa Segundo Tempo traz elementos importantes para a Promoção da Saúde, em especial para o Empoderamento psicológico e social. No entanto, há de se ter propostas concretas para que os parâmetros da diretriz sejam colocados em prática. O PST, com suas parcerias com instituições de Ensino Superior, possui diversos trabalhos relacionados à pedagogia do esporte como pode ser verificado nos materiais didáticos¹ produzidos ao longo de mais de uma década de Programa. Essa pesquisa contribuir com uma proposta especificamente para o empoderamento racial dos participantes com o cuidado de refletir criticamente sobre o uso reducionista de estratégias e ações de empoderamento que levam muitas vezes à culpabilização das vítimas de mazelas sociais ao hiperdimensionar a responsabilidade individual sobre os problemas de saúde (CARVALHO, GASTALDO 2008).

¹ Os materiais podem ser acessados através do endereço:
<http://www.ufrgs.br/ceme/pst/site/publicacoes/livros>

4 EDUCAÇÃO CIENTÍFICA PARA O EMPODERAMENTO

Xavier e Flor (2015, baseados em Jacobucci, 2008) definem como espaços não formais de educação científica “os espaços institucionalizados, que dispõem de planejamento, estrutura física e monitores qualificados para a prática educativa dentro deste espaço (p.13)”. Assim, O Programa Segundo Tempo com toda sua estrutura e organização se enquadra nesse perfil de instituição. Seus monitores e professores de Educação Física tem papel relevante na promoção da saúde dos participantes através de práticas educativas baseadas no conhecimento acadêmico, o saber escolar.

A Educação Física, baseada em conhecimentos biológicos, físicos e químicos, pode ser desenvolvida através de projetos CTS (Ciência, Tecnologia e Sociedade) ou contribuir de forma relevante para sua contextualização. Santos (2008) defende que:

a inclusão das abordagens das inter-relações Ciência-Tecnologia-Sociedade no ensino de ciências deve avançar do foco restrito sobre as discussões de suas implicações sociais para uma abordagem mais radical. Essa engloba na perspectiva freireana uma educação política que busca a transformação do modelo racional de ciência e tecnologia excludente para um modelo voltado para a justiça e igualdade social. Resgatar essas discussões no ensino de ciências possibilita uma recontextualização do movimento CTS (SANTOS, 2008. p. 111).

Dessa forma, a Educação Física nesse espaço pode ser uma aliada para educação científica e o ensino de ciências. As práticas nesse local, com objetivo de promover a saúde de seus participantes, não deve ser baseada em práticas ingênuas que perpetuam o *status quo*, mas devem buscar o empoderamento dos participantes para a tomada de decisão em diversos aspectos da vida, em especial questões relacionadas à saúde.

Segundo Carvalho e Gastaldo (2008, p. 2031) “através do empoderamento, a Promoção da Saúde procura possibilitar aos indivíduos e coletividade, um aprendizado que os torne capazes de viver a vida em suas distintas etapas e de lidar com as limitações impostas por eventuais enfermidades”. Nesse sentido, iniciativas para promoção da saúde aliada à autonomia do indivíduo, são importantes ferramentas para a disseminação de informações que ajudam em escolhas e comportamentos para a prevenção de doenças. A educação dialógica de Paulo Freire é um caminho promissor para o empoderamento do indivíduo, dando voz aos participantes através da escuta ativa e da troca, desenvolvendo a criticidade, que auxilia no desenvolvimento social e educacional dos aprendizes.

Podemos apontar caminhos para ampliação de posturas e atitudes dialógicas que são necessárias para que indivíduos possam sair de uma situação de alienação e passividade, para uma criatividade ativa que supera

a circunstância de serem objetos e os tornam de fato sujeitos da história, o que reflete a Educação Popular (SILVA, 2006, p. 58).

Conforme dito pelo autor, a educação dialógica se faz necessária para que haja uma mudança na qualidade de interação do profissional de saúde com o público, se afastando da forma de simples transmissão de informações do profissional para o cidadão, indo ao encontro de uma prática de troca e negociação de significados, estando aberto para opiniões e decisões do participante. O profissional de Educação Física pode contribuir na formação cidadã dos participantes do Programa Segundo Tempo, sendo a ponte entre os saberes escolares e os saberes populares, chamados de saberes primevos por Chassot, mediando-os através do conhecimento científico, como facilitador da leitura do mundo natural (XAVIER; FLOR, 2015 citando CHASSOT, 2008).

Freire (1996) reforça que ensinar não é simplesmente fazer uma transmissão de conhecimento para alunos, e sim fazer com que eles tenham autonomia para participar, criar ideias e ter voz para a construção de seu próprio saber. Para Freire (1996), é de fundamental importância uma pedagogia progressista dentro e fora de sala de aula, ou seja, na vida pessoal de cada um, derrubando a superioridade autoritária do professor perante seus alunos. Segundo Freire (1996, p. 24), “o respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”, ou seja, ensinar exige respeito à autonomia do educando, com isso o professor deve respeitar as diferenças entre alunos, promovendo o desenvolvimento gradativo de suas experiências formativas como alunos, além de exercer um papel importante na questão do bom senso. Por fim, Freire destaca que o ensinar exige alegria, esperança e curiosidade. Juntos professores e alunos aprendem, criam e se divertem, despertando a curiosidade, que os levam a buscarem seus objetivos como seres humanos, trazendo autonomia nas tomadas de decisão.

Diante do exposto, entendemos que a promoção da saúde com abordagem voltada para a salutogênese deve priorizar o empoderamento de seus participantes e que, portanto, não pode faltar em um programa que se propõe a promover a saúde da população em vulnerabilidade social. Por isso vamos focar numa atividade de empoderamento racial entre os participantes do Programa.

4.1 O RACISMO

O Brasil é um país marcado por contrastes e desigualdades sociais resultantes, em grande parte, de um passado escravagista de mais de 300 anos de duração. Segundo Batista (2005, p.72) “a construção social da desigualdade de oportunidades entre brancos e negros condiciona a sua forma de viver como grupos sociais.” Paralelo ao que o autor trata,

ressaltamos que essa desigualdade reflete em situações socioeconômicas para essas famílias, que acaba gerando situações como abandono nas escolas e acaba forçando essas crianças e adolescentes a terem que trabalhar para sustentar suas famílias.

No total da população brasileira, as pessoas de cor ou raça preta ou parda constituem, também, a maior parte da força de trabalho no País. Em 2018, tal contingente correspondeu a 57,7 milhões de pessoas, ou seja, 25,2% a mais do que a população de cor ou raça branca na força de trabalho, que totalizava 46,1 milhões. Entretanto, em relação à população desocupada e à população subutilizada, que inclui, além dos desocupados, os subocupados e a força de trabalho potencial, as pessoas pretas ou pardas são substancialmente mais representadas – apesar de serem pouco mais da metade da força de trabalho (54,9%), elas formavam cerca de $\frac{2}{3}$ dos desocupados (64,2%) e dos subutilizados (66,1%) na força de trabalho em 2018 (IBGE, 2019, p. 2).

Além disso, a realidade da maioria dos vínculos empregatícios está associada a falta de condições mínimas de segurança no trabalho. Essas pessoas recebem remunerações baixas e possuem condições mínimas para exercerem suas atividades, muitas nem são registradas com carteira de trabalho assinadas como deveriam. Segundo o IBGE,

A informalidade no mercado de trabalho está associada, muitas vezes, ao trabalho precário ou à falta de acesso a algum tipo de proteção social, que limita o acesso a direitos básicos, remuneração pelo salário mínimo e aposentadoria (IBGE 2019, p. 2).

Com isso, no ano de 2018 o rendimento médio mensal da população branca era entorno 2.796 reais, superior ao da população preta ou parda que era de 1.608 reais. Esses números correspondem a um padrão que se repete ano a ano.

A desigualdade social reflete em situações ainda piores quando comparados os níveis de mortalidade em nosso país entre cidadãos negros e brancos. Batista (2005) analisando os números de mortes por tuberculose respiratória no ano de 1999, observou que os óbitos de mulheres e homens negros foram bem mais altos em comparação a homens e mulheres brancas. Na comparação entre mortalidade de negras e brancas, verifica-se que as negras morrem mais (4,94 por 100 mil mulheres negras, contra 1,56 por 100 mil mulheres brancas). Tuberculose respiratória teve maior incidência entre os homens negros (16,13 por 100 mil, sendo de 4,88 por 100 mil entre os homens brancos).

O abandono do tratamento contribui para a manutenção da transmissão, pois doentes que não aderem a ele ou usam quimioterápicos por tempo insuficiente e/ou de forma incorreta permanecem como fonte de contaminação, aumentando as taxas de recidiva e a resistência medicamentosa. Esses fatores impedem lograr a cura, uma vez que ampliam tempo e custo de tratamento (BASTA et al. 2013, p. 885).

A infecção da tuberculose respiratória está relacionada a fatores socioeconômicos como falta de estrutura habitacional, falta de saneamento básico, tabagismo, desnutrição e pouco acesso à informação sobre a prevenção da doença. Assim a tuberculose evidencia mais uma vez o racismo estrutural de nosso país.

No Brasil, o acesso à saúde é bastante precário por parte das pessoas que vivem em áreas de vulnerabilidade social. Segundo Werneck (2016, p.536) se destaca os poucos estudos, ou falta de interesse por parte de pesquisadores sobre a questão da saúde para a mulher negra. As ausências ou insuficiências podem gerar a não consolidação da saúde da população negra e da saúde da mulher negra como campos temáticos e de pesquisa, relacionada ao baixo grau nas instituições de pesquisa dos debates sobre o racismo, seus impactos na saúde e suas formas de enfrentamento.

As reivindicações da população negra e de movimentos sociais – especialmente o Movimento de Mulheres Negras e do Movimento Negro – por mais e melhor acesso ao sistema de saúde participaram da esfera pública ao longo dos vários períodos da história das mobilizações negras, principalmente no período pós-abolição, e se intensificaram na segunda metade do século XX, com forte expressão nos movimentos populares de saúde, chegando a participar dos processos que geraram a Reforma Sanitária e a criação do Sistema Único de Saúde. No entanto, é possível verificar que essa presença, apesar de ter contribuído para a concepção de um sistema universal de saúde com integralidade, equidade e participação social, não foi suficiente para inserir, no novo Sistema, mecanismos explícitos de superação das barreiras enfrentadas pela população negra no acesso à saúde, particularmente aquelas interpostas pelo racismo (WERNECK 2016 p.536).

Além da pesquisa sobre o racismo estrutural na saúde, que interpõe diversas barreiras para o acesso à saúde das pessoas negras, também é importante o fortalecimento do sistema único de saúde e que políticas públicas sejam implementadas de modo a superar essas desigualdades.

Ações de promoção à saúde propostas por estados e municípios também podem ajudar na diminuição desses números de mortalidade. Promoção, nesse sentido, vai além de uma aplicação técnica e normativa, aceitando-se que não basta conhecer o funcionamento das doenças e encontrar mecanismos para seu controle. Essa concepção diz respeito ao fortalecimento da saúde por meio da construção de capacidade de escolha, bem como à utilização do conhecimento com o discernimento de atentar para as diferenças e singularidades dos acontecimentos (CZERESBIA, 2003, p.5).

Sendo assim, com base nas diretrizes do Programa Segundo Tempo, que visa a igualdade de gênero, cor, raça e credo, construímos uma proposta de atividade para esse trabalho: a Semana do Empoderamento contra o Racismo, com a finalidade de promover debates sobre preconceito e valorizar aspectos da cultura afro-brasileira.

5 A SEMANA DE EMPODERAMENTO CONTRA O RACISMO

Durante a semana serão debatidas junto aos alunos questões sobre o racismo, de forma a fortalecer o empoderamento do sujeito elencada pela salutogênese, que visa colaborar para uma melhora na qualidade de vida dos participantes do programa. As atividades da semana do empoderamento são propostas em quatro etapas, sendo divididas em duas etapas por dia, com horário de quatro horas a cada encontro, sempre obedecendo ao contraturno escolar de cada turma. São dois encontros com a mesma turma durante a semana, totalizando oito horas de atividades.

No primeiro dia de atividade será apresentado um curta-metragem que conta a história de um menino que sofre um suposto ato de racismo na escola. Esse vídeo apresenta de forma lúdica as questões sobre o racismo no dia a dia e servirá para abrir os debates sobre o tema. Na segunda atividade o professor irá fazer algumas perguntas pré-estabelecidas sobre racismo que gerem o debate entre os participantes. Ao final das perguntas, será apresentado um vídeo sobre a Desigualdade Social no Brasil, que contém dados do IBGE, que mostram as diferenças entre a população preta e parda sobre a população branca. Essas duas atividades fecharão o primeiro dia da Semana do Empoderamento contra o Racismo.

No segundo encontro será apresentado para os participantes uma canção do Emicida que se chama “amarelo”, que em sua letra retrata a realidade da população negra. A música mostra alguns trechos que destacam aspectos da saúde mental da população pobre e negra. O clipe da música inicia com uma gravação de voz de um amigo do cantor relatando as dificuldades de viver com a depressão e tentativas de suicídio. Em seguida, acontecerão duas atividades práticas: a capoeira e o maculelê. Serão abordadas a origem e a história dessas tradições, além da prática com os alunos. Após essas duas atividades, será feito o encerramento da Semana. É importante frisar que essas atividades não devem ser limitadas apenas na “Semana do Empoderamento contra o Racismo”, e sim retomada sempre que for possível dentro do Programa Segundo Tempo.

5.1 CURTA METRAGEM “DÚDÚ² E O LÁPIS COR DE PELE”

A primeira atividade da Semana do Empoderamento Contra o Racismo é a exibição do curta metragem do canal Take a Take (2018) que se chama “Dúdú e o Lápis Cor da Pele” de 19 minutos, que mostra situações sobre racismo no dia a dia. Esse vídeo foi escolhido de forma introdutória para dar início às atividades, tendo em vista apresentar, de

² A palavra Dúdú tem sua grafia duplamente acentuada por ser da língua Iorubá (TAKE A TAKE, 2018).

uma forma mais lúdica, as questões que irão abrir o tema. O curta-metragem relata a história de um menino negro estudante de um colégio particular na cidade de São Paulo, que em uma aula de educação artística, é solicitado pela professora a usar um “lápiz cor de pele” para pintar um desenho. Essa frase “lápiz cor de pele” deixa o menino com uma crise de identidade ao ver que o lápis não era da cor de sua pele. Ao chegar em casa, ele questiona o assunto ocorrido em sala de aula para sua mãe, que fica revoltada e vai até a escola tirar satisfações sobre a suposta acusação de racismo. Na escola com a presença da mãe de Dúdú, a professora diz que o ocorrido em sala de aula não passava de um engano por ter dito a frase de uma forma automática. Durante a conversa entre a mãe e a professora, o menino foge pela grande cidade de São Paulo com o lápis em mãos, tentando sanar suas dúvidas sobre sua cor de pele. Ao perceberem que o menino fugiu, sua mãe e a professora passam a procurar desesperadamente o menino pela cidade. Dúdú, depois de passar por diversos lugares, faz amizade com uma mulher desconhecida disposta a ajudá-lo tirando suas dúvidas sobre o lápis cor de pele. Por sorte ela é uma antropóloga e curadora de arte, e com seu conhecimento consegue resolver o assunto sobre a cor da pele. Além de explicar a ele que seu apelido “Dúdú” em lorubá significa negro. O menino fica feliz ao saber o significado de seu nome. Após a conversa, a mulher leva Dúdú para a escola, para alívio da mãe e da professora que o procuravam o dia inteiro pela cidade.

5.1.1 RODA DE CONVERSA SOBRE EMPODERAMENTO RACIAL

Após a apresentação desse curta-metragem, será aberta a roda de conversa conduzida pelo professor, que terá como principal assunto as cenas que mais chamaram a atenção no vídeo, com o intuito de instigar os alunos ao tema proposto. O vídeo tem como objetivo mostrar para os alunos que mesmo quando não há intenção, ainda assim, as pessoas cometem atos de racismo diariamente em nosso país. Com base nesse curta-metragem faremos algumas perguntas para os alunos.

Primeira pergunta: *“Você já ouviu alguma frase racista? Compartilha com a gente”*. Através dessa pergunta iremos debater sobre algumas frases que são faladas no dia a dia. Mesmo que não sejam ditas intencionalmente, são expressões racistas.

Exemplo:

“A coisa tá preta” essa frase consiste em alguma situação desagradável, que poderia ser substituída por “a coisa está difícil”.

“Serviço de preto”, essa frase corresponde a um serviço mal feito, que foi realizada por uma pessoa negra, e poderia ser trocada por “o serviço não ficou bom”.

“*Cabelo ruim*”, essa frase é usada para dizer que uma pessoa tem o cabelo afro, quando na verdade ter cabelo afro não é sinônimo de ter cabelo ruim.

“*Não sou suas negas*”, essa expressão coloca a mulher negra como “qualquer uma” ou “de todo mundo”, essa frase além de ser racista, também é machista, e não deve ser usada em nenhuma ocasião.

Segunda pergunta: “*Você já se sentiu mal por ser negro?*” Essa indagação poderá despertar nos alunos algumas situações vivenciadas por eles. Os alunos deverão responder se em algum momento se sentiram mal por ser negro, ou se já viram alguém se sentir desconfortável por esse motivo. A seguir o professor trará à tona, na conversa, questões sobre o racismo estrutural no Brasil, e dará exemplos de desigualdades sociais existentes em nosso país, como lugares que são pouco frequentados por negros, tais como, universidades, cargos políticos, cargos de chefia, entre outros.

Terceira pergunta: “*Você já ouviu piadas por ser negro?*” Se a resposta for sim, os alunos deverão falar algumas situações contendo injúrias raciais como, por exemplo, ser chamado de negão, saci, crioulo, ou seja, termos pejorativos que ofendam a dignidade e atinjam negativamente a autoestima da pessoa.

Após essas perguntas, será apresentado o vídeo sobre a Desigualdade Racial no Brasil que mostra através de dados fornecidos pelo IBGE, as condições de desigualdade sociais que a população negra enfrenta em nosso país.

5.2 VÍDEO DESIGUALDADE RACIAL NO BRASIL

No vídeo Desigualdade Racial no Brasil (SUPERINTERESSANTE, 2016), aparecem dados do ano de 2016, que apontam algumas diferenças enfrentadas pela população brasileira, referentes à cor da pele. O Brasil conforme dados coletados pelo IBGE mostra que 53% da população é negra. O Brasil, mesmo tendo a maioria da população negra, ainda assim, possui aspectos negativos quanto às oportunidades destinadas a essa parcela da população nas mais diversas esferas sociais, tais como educação, emprego, moradia, saúde entre outros.

O vídeo mostra algumas das desigualdades presentes no Brasil. Dentre as pessoas que vivem em extrema pobreza, 70% são negras e vivem em áreas de vulnerabilidade social. Já 80% da população rica no país é representada por pessoas brancas. Outra comparação existente no Brasil são as pessoas com acesso à internet, onde 51,3% de pessoas negras não possuem. Esses dados ainda ficam mais críticos quando é falado sobre segurança. Em nosso país a cada 12 minutos, uma pessoa negra é assassinada. O índice

de homicídio contra mulher, levantado entre 2004 e 2014 mostram que no ano de 2004, 44% das mulheres assassinadas eram brancas e teve uma queda de 32,5% até o ano de 2014, já em 2004 as mulheres negras representavam 48% dos homicídios femininos e subiu para 62% em 2014. Dados mais atuais do IBGE (2019) mostram que dois terços das mulheres entre 15 e 29 anos, que são assassinadas no Brasil, são negras. Esses números mostram o quanto a população negra sofre pela desigualdade em nosso país.

As desigualdades étnico-raciais, reveladas na breve série temporal considerada neste informativo, têm origens históricas e são persistentes. A população de cor ou raça preta ou parda possui severas desvantagens em relação à branca, no que tange às dimensões contempladas pelos indicadores apresentados – mercado de trabalho, distribuição de rendimento e condições de moradia, educação, violência e representação política (IBGE 2019, p. 12).

As desigualdades raciais são reflexo do passado escravagista do Brasil. O Brasil foi o último país das Américas a dar liberdade às pessoas escravizadas, e essa herança relacionada à falta de oportunidades e preconceito persistem até hoje.

Após esses dados serem apresentados aos alunos através do vídeo Desigualdade Racial no Brasil, abriremos um novo debate, explanando situações referentes ao racismo estrutural que existe em nosso país com o intuito de conscientização. Os estudantes contribuirão com o debate através de suas percepções e discutiremos maneiras de combate a essas desigualdades, como por exemplo, as ações afirmativas, tais como cotas para negros e indígenas para inserção nas universidades e concursos públicos.

5.3 CANÇÃO AMARELO DO RAPPER E ATIVISTA NEGRO EMICIDA

Como base em nossas atividades na Semana do Empoderamento, o rapper Emicida é uma dessas personalidades, que ajudam no combate a desigualdade racial no Brasil, e que em suas músicas e rimas sempre destaca a luta contra o racismo, mostrando através de versos o que acontece no dia a dia dessas pessoas que vivem em áreas de vulnerabilidade social, em periferias e favelas brasileiras. Dessa forma mostraremos aos alunos do Programa Segundo Tempo, uma canção do Emicida (2019), que em sua letra retrata a realidade da população negra, aos desafios enfrentados.

Canção Amarelo:

Presentemente, eu posso me
 Considerar um sujeito de sorte
 Porque apesar de muito moço
 Me sinto são, e salvo, e forte
 E tenho comigo pensado
 Deus é brasileiro e anda do meu lado

E assim já não posso sofrer
No ano passado

REFRÃO

Tenho sangrado demais
Tenho chorado pra cachorro
Ano passado eu morri
Mas esse ano eu não morro

Eu sonho mais alto que drones
Combustível do meu tipo? A fome
Pra arregaçar como um ciclone (Entendeu?)
Pra que amanhã não seja só um ontem
Com um novo nome
O abutre ronda
Ansioso pela queda (Sem sorte)
Findo mágoa, mano
Sou mais que essa merda (Bem mais)
Corpo, mente, alma, um, tipo Ayurveda
Estilo água, eu corro no meio das pedras
Na trama tudo os dramas turvos
Eu sou um dramaturgo
Conclama a se afastar da lama
Enquanto inflama o mundo
Sem melodrama, busco grana
Isso é Hosana em curso
Capulanas, catanas
Buscar nirvana é o recurso
É um mundo cão
Pra nos perder não é opção, certo?
De onde o vento faz a curva
Brotou o papo reto
'Num deixo quieto
Não tem como deixar quieto
A meta é deixar sem chão quem
Riu de nos sem teto (Vai!)

REFRÃO

Figurinha premiada, brilho no escuro
Desde a quebrada, avulso
De gorro alto do morro e os camaradas tudo
De peça no forro e os piores impulsos
Só eu e Deus sabe
O que é 'num ter nada, ser expulso
Ponho linhas no mundo
Mas já quis pôr no pulso
Sem o torro, nossa vida não vale
A de um cachorro triste
Hoje cedo não era um hit
Era um pedido de socorro
Mano, rancor é igual tumor, envenena raiz
Onde a plateia só deseja ser feliz
Com uma presença aérea

Onde a última tendência é depressão
 Com aparência de férias
 Vovó diz, odiar o diabo é mó boi (Mó boi)
 Difícil é viver no inferno, e vem à tona
 Que o mesmo império canalha que não te leva a sério
 Interfere pra te levar à lona
 Revide!

REFRÃO

Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
 Elas são coadjuvantes, não, melhor, figurantes
 Que nem devia tá aqui
 Permita que eu fale, e não as minhas cicatrizes
 Tanta dor rouba nossa voz, sabe o que resta de nós?
 Alvos passeando por aí
 Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Se isso é sobre vivência, me resumir à sobrevivência
 É roubar um pouco de bom que vivi
 Por fim, permita que eu fale, não as minhas cicatrizes
 Achar que essas mazelas me definem é o pior dos crimes
 É dar o troféu pro nosso algoz e fazer nos sumir

REFRÃO

Aí, maloqueiro! Aí, maloqueira!
 Levanta essa cabeça
 Enxuga essas lágrimas, certo? (Você memo')
 Respira fundo e volta pro ringue (Vai)
 Cê vai sair dessa prisão
 Cê vai atrás desse diploma
 Com a fúria da beleza do sol, entendeu?
 Faz isso por nos
 Faz essa por nos (Vai)
 Te vejo no pódio
 Ano passado eu morri
 Mas esse ano eu não morro.

A canção mostra através da sua letra, questões como resiliência e empoderamento das pessoas que sofrem com a desigualdade em nosso país, além de trazer esperança e força na luta contra o racismo. Por isso ela é importante e foi escolhida para ser usada na Semana do Empoderamento contra o Racismo. Partindo dessa questão, o professor irá perguntar aos alunos quais as partes da letra da música Amarelo chamaram mais a atenção deles. O professor mostrará algumas partes interessantes da letra como a frase “ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro” e dará explicações sobre ela, que no caso dessa frase mostra a questão da esperança para as pessoas que estão desacreditadas e que são excluídas de alguma forma pela sociedade.

A próxima frase a ser debatida: “o abutre ronda, ansioso pela queda (sem sorte). findo mágoa, mano, sou mais que essa merda (bem mais). Estilo água, eu corro no meio

das pedras.” Nessa frase da música ele mostra que o abutre tem o papel de destruição social, ou seja, não quer deixar acontecer o crescimento da comunidade, ou das pessoas que vivem nela. No trecho “(sem sorte)” é o contraponto dessa questão social, que por mais que o abutre ronde esperando a queda eles estão sem sorte, ou seja, parte da sociedade está lutando diariamente para seguir em frente apesar das dificuldades.

Mais um trecho interessante que a música apresenta “Na trama tudo, os drama turvo, eu sou um dramaturgo. Conclama a se afastar da lama enquanto inflama o mundo. Sem melodrama, busco grana, isso é hosana em curso. Capulanas, catanas, buscar nirvana é o recurso. É um mundo cão pra nós, perder não é opção, certo? De onde o vento faz a curva, brota o papo reto. Num deixo quieto, não tem como deixar quieto. A meta é deixar sem chão quem riu de nós sem teto (vai!)”. Nessa parte o rapper mostra na letra a importância para que as pessoas corram atrás de seus objetivos, nesse caso ele cita o dinheiro como exemplo, e quer mostrar que é necessário ter voz dentro da sociedade para combater os obstáculos da vida, mesmo com dificuldade, e que essa luta é importante para alcançar seus objetivos de vida.

Sendo assim, a atividade relacionada à música Amarelo fecha a primeira semana de atividades, mostrando a importância do empoderamento individual e coletivo dentro do Programa Segundo Tempo.

5.4 ATIVIDADE PRÁTICA SOBRE A CAPOEIRA

A capoeira será apresentada de forma prática e lúdica, tendo como proposta mostrar a importância da cultura afro para os participantes.

A capoeira é um conteúdo que pode ser contemplado na escola pelos seus múltiplos enfoques, que possibilitam, a luta, a dança e a arte, o folclore, o esporte, a educação, o lazer e o jogo. A mesma deve ser ensinada e globalizada, deixando que o aluno identifique-se com os aspectos que mais lhe convier. (SOUZA; OLIVEIRA, 2001, p.44)

Para dar início na atividade o professor levará os alunos para um local aberto, onde será realizada a roda de capoeira. Em seguida, serão apresentados os instrumentos básicos para o canto das canções, o berimbau, o atabaque, o pandeiro, o agogô e o reco-reco. Após isso, os alunos realizarão um ensaio para aprender a utilização dos instrumentos, a realização dos golpes, os movimentos e canto das canções. Ao término do ensaio, será realizada a roda de capoeira conduzida pelo professor, com o intuito de mostrar os fundamentos da atividade. A roda de capoeira terá duração de 1 hora, com a participação de todos os alunos do programa. Para fechar a primeira atividade prática da Semana do Empoderamento Contra o Racismo, os alunos responderão algumas perguntas através de

uma roda de conversa sobre o que aprenderam com a capoeira. O professor irá perguntar se os alunos tiveram dificuldades para jogar a capoeira. O enfoque de cada aluno sobre a sua importância da capoeira como cultura afro-brasileira. E qual foi a parte da atividade que eles mais gostaram se foi o movimento, a música ou os instrumentos.

5.5 ATIVIDADE PRÁTICA MACULELÊ

O maculelê é uma dança folclórica realizada com bastões de madeira, que simula a luta, essa atividade era realizada pelas pessoas escravizadas, e originalmente foi criada por eles na Bahia no século 18. Conforme Mesquita e Medeiros (2018, p. 209);

De origem pouco esclarecida, o Maculelê é definido no Dicionário do Folclore Brasileiro de Câmara Cascudo, como uma dança de negros que entrechocavam bastões enquanto cantavam e dançavam, apresentada usualmente em Salvador e Santo Amaro da Purificação - Bahia, como parte da celebração da festa de Nossa Senhora da Conceição. Provavelmente teve sua origem em meio aos canaviais e colheitas da Cana-de-acúcar, remanescente de um jogo de bastões dos antigos Cucumbis. Acredita-se que os escravos africanos que lá trabalhavam, com saudades de sua pátria, dançavam suas danças nativas, que ali em outro contexto, começou a ter incorporados outros elementos culturais. Onde antes se dançava por celebração ou adoração aos seus deuses, no Brasil, passou a ser uma dança-luta de lamentação pelo cativo e aspiração pela liberdade. (MESQUITA; MEDEIROS, 2018, p.209).

Dessa forma, o maculelê é importante na cultura afro-brasileira e será realizado como a próxima atividade prática na Semana do Empoderamento contra o Racismo no Programa Segundo Tempo.

Para iniciar a atividade, os alunos assistirão ao vídeo de FREIRE (2012), que se chama “Esmeralda dança maculelê” que mostra alunos de uma escola dançando o maculelê. O vídeo tem aproximadamente 3 minutos e exhibe música, movimento, vestuário e ritmo. Após essa breve apresentação, serão distribuídos dois bastões ou pedaços de cabo de vassoura de aproximadamente 40 centímetros para cada participante. A seguir, o professor irá executar um ensaio com os alunos, que consistirá na criação do ritmo e da dança com os bastões. Os movimentos serão feitos pelos alunos após o movimento realizado pelo professor, assim terá uma apresentação pré-estabelecida na criação do ritmo da música. Após esse ensaio os alunos terão que fazer os mesmos movimentos, agora, sem a ajuda do professor, tornando um desafio para eles. Ao término da apresentação, serão feitas algumas perguntas sobre o maculelê, e sobre a apresentação. Os alunos irão responder perguntas sobre a importância da dança, sobre a dificuldade na execução dos ritmos com os bastões e sobre a sua história como dança afro-brasileira.

Após apresentação do maculelê a Semana do Empoderamento contra o Racismo se encerra, com o intuito de mostrar aos participantes do Programa Segundo Tempo a importância da luta contra o racismo no Brasil. As propostas de atividades foram elaboradas com a finalidade de despertar o empoderamento individual e coletivos dos alunos, além de oferecer uma semana de conhecimento sobre a cultura afro-brasileira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos que a diretriz do PST, de 2018, traz em seu texto referências claras ao empoderamento individual e coletivo, promovendo atividades físicas e de lazer e buscando a equidade de gênero, raça/etnia e cor. O empoderamento individual foi explicitado no documento, através da valorização da liberdade de escolha do participante e da promoção de atividades que potencializem a compreensão da construção de padrões de saúde, beleza e estética corporal. Encontramos a promoção do empoderamento coletivo através do estímulo à participação social, ao reforço de valores como solidariedade, fraternidade e cooperação e às práticas comprometidas com equidade e justiça social.

A partir da análise deste documento, de dados sobre o racismo estrutural no Brasil e dos princípios da educação dialógica de Paulo Freire, foram construídas atividades de empoderamento racial para os participantes do programa, uma vez que as atividades desportivas, que busquem promover o empoderamento, precisam ser cuidadosamente planejadas de forma a alcançar os objetivos propostos.

A sequência de atividades busca evidenciar o racismo presente no dia a dia, o racismo estrutural presente no Brasil, suas consequências na saúde mental e por fim, o empoderamento coletivo e individual através da valorização da cultura negra brasileira. Esse trabalho não se encerra em si, ele abre possibilidades de continuação através da aplicação e análise da proposta no PST e também pode ser utilizado por professores de Educação Física da Educação Básica em suas turmas.

REFERÊNCIAS

BASTA, Paulo Cesar et al. Desigualdades sociais e tuberculose: análise segundo raça/cor, Mato Grosso do Sul. *Revista de Saúde Pública* [online]. 2013, v. 47, n. 5, pp. 854-864. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2013047004628>. Acesso em: 26 nov 2021.

BATISTA, Luís Eduardo. Masculinidade, raça/cor e saúde. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 71-80, mar. 2005. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141381232005000100013&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 mar. 2021.

BERSANI, Humberto. Racismo estrutural e o direito à educação. *Educação em Perspectiva*, Viçosa, MG, v. 8, n. 3, p. 380-397, dez. 2017. ISSN 2178-8359. Disponível em:

<<https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6975>>. Acesso em: 06 nov. 2019.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição** da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde** / Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. Disponível em http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_gestao_trabalho_2ed.pdf. Acesso em 25 set 2019.

BRASIL, Ministério da Cidadania. **Diretrizes do Programa Segundo Tempo**, Brasília, DF: 2018. Disponível em: <http://www.esporte.gov.br/index.php/institucional/esporte-educacao-lazer-e-inclusao-social/segundo-tempo/orientacoes/manuais-de-diretrizes>. Acesso em: 15 abr. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde. 3ª ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_promocao_saude_3ed.pdf. Acesso em: 03 out. 2019.

CANDEIAS, Nelly M. F. Conceitos de educação e de promoção em saúde: mudanças individuais e mudanças organizacionais. **Rev. Saúde Pública**, vol. 31 n. 2: p. 209-213, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsp/v31n2/2249.pdf>. Acesso em: 10 out. 2019.

CARDOSO, C. L., CUNHA, A. C., & KUNZ, E. Fundamentos antropológicos do se movimentar: Percepção, movimento e salutogênese. (2016). *Revista Portuguesa De Educação*, 29(1), 155–184. <https://doi.org/10.21814/rpe.7383>.

CAMPOS, G. W; BARROS, R. B. e CASTRO, A. M. Avaliação de política nacional de promoção da saúde. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2004, v. 9, n. 3, pp. 745-749. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000300025>>. Acesso em: 20 out. 2021.

CARVALHO, S. R; GASTALDO, D. Promoção à saúde e empoderamento: uma reflexão a partir das perspectivas crítico-social pós-estruturalista. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 13, suppl. 2 p: 2029-2040, 2008. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232008000900007. Acesso em: 22 abr. 2019.

CARVALHO, Sérgio Resende. As contradições da promoção à saúde em relação à produção de sujeitos e a mudança social. *Ciência & Saúde Coletiva* [online]. 2004, v. 9, n. 3, pp. 669-678. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232004000300018>>. Acesso em: 20 Ago. 2021.

CAVASINI, Rodrigo. "Intervenções pedagógicas de educação ambiental no Programa Segundo tempo." (2016). Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/151422>. Acesso em: 8 nov. 2021.

CZERESNIA, D. O conceito de saúde e a diferença entre promoção e prevenção (versão revisada e atualizada do artigo "The concept of health and the difference between promotion and prevention *Cadernos de Saúde Pública*, 1999). In: Czeresni, D.; Freitas, C. M. (Org) **Promoção da Saúde: conceitos, reflexões e tendências**. Rio de Janeiro: Ed.Fiocruz,

2003 (p.39-53). Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X1999000400004&lng=en&tling=en. Acesso em: 04 mar. 2021.

DO COUTO, D. W. **Mapeamento do programa segundo tempo no brasil e a gestão deste no município de Estrela/RS**. Monografia (Especialização) Universidade de Brasília. Centro de Ensino a Distância. Brasília-DF, 2007. Disponível em: http://www.ufrgs.br/ceme/uploads/1383239104-Monografia_Daiane_Wagner_do_Couto.pdf. Acesso em: 12 set. 2019.

EMICIDA. Amarelo (Sample: Belchior – Sujeito de Sorte) part, Majur e Pablio Vittar. Youtube, 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PTDgP3BDPIU>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ERIKSSON, M; LINDSTRÖM, B. A salutogenic interpretation of the Ottawa charter. **Health Promotion International**, v. 23, n. 2, p. 190-199, 2008. Disponível em: <https://academic.oup.com/heapro/article/23/2/190/714741?searchresult=1>. Acesso em 14 ago. 2019.

FREIRE, Esmeralda. Esmeralda dança maculelê. Youtube, 16 maio 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0co3nYzoKhg>. Acesso em: 20 ago. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA **Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil**, Rio de Janeiro, 2019 p. 1-12. Disponível em https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf. Acesso em 17 set. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire>. Acesso em: 10 jun. 2021.

MESQUITA, O.A.L, MEDEIROS, R.M.N. Significações culturais e simbólicas da dança do Maculelê do Balé Folclórico da Bahia: apontamentos para o conhecimento da dança na educação física. **Revista brasileira ciência e movimento** 2019;27(4):207-218. Disponível em <https://docs.bvsalud.org/biblioref/2020/03/1053246/9374-50459-1-pb.pdf>. Acesso em 04 out. 2021.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Carta de Ottawa. **Primeira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde**, Ottawa Canadá, 1986. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_ottawa.pdf. Acesso em 11 set. 2019.

QUEIROZ, R. M. DE et al. a Caracterização Dos Espaços Não Formais De Educação Científica Para O Ensino De Ciências. **Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, v. 4, n. 7, p. 12–23, 2011. Disponível em: <http://periodicos.uea.edu.br/index.php/arete/article/view/20>. Acesso em: 31 jan. 2022.

SAAD, Michel Angillo. "A saúde como tema educacional desenvolvido no Programa Segundo Tempo: um estudo exploratório." Revista digital – Buenos Aires, março de 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd142/a-saude-como-tema-educacional-no-programa-segundo-tempo.htm>. Acesso em: 5 nov. 2021.

SALCI e et al. Educação em saúde e suas perspectivas teóricas: algumas reflexões. v. 22, **Texto contexto - enfermagem**. n. 1, Florianópolis Jan-Mar; p. 224-230. 2013. Disponível

em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-07072013000100027&lang=pt. Acesso em 02 set. 2019.

SANTOS, W. L. P. Educação Científica Humanística em Uma Perspectiva Freireana: Resgatando a Função do Ensino de CTS. **Alexandria Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, v. 1, n. 1, p. 109–131, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6170687>. Acesso em: 31 jan. 2022.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, n. 1, 2009. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000179&pid=S14139936201200020000600031&lng=pt. Acesso em: 05 out. 2019.

SILVA, W. B. A pedagogia dialógica de Paulo Freire e as contribuições da programação neurolinguística: uma reflexão sobre o papel da comunicação na Educação Popular. Ed. **Universidade Federal, da Paraíba**, João Pessoa - Paraíba - Brasil, 2006. Disponível em: http://acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/4302/1/FPF_PTPF_01_0950.pdf. Acesso em: 05 out. 2019.

SOUZA, S. A. R, OLIVEIRA. A. A. B. Estruturação da Capoeira Como Conteúdo da Educação Física no Ensino Fundamental E Médio. **Revista da Educação Física/UEM Maringá**, v. 12, n. 2, p. 43-50, 2. sem. 2001. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/educacao_fisica_artigos/estruturacao_capoeira_conteudo_edf.pdf. Acesso em 03 out. 2021.

SUPERINTERESSANTE. Desigualdade Racial no Brasil - 2 minutos para entender. Youtube, 20 nov. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ufbZkexu7E0>. Acesso em: 15 jul. 2021.

TAKE, Take a. Curta Metragem “Dudu e o lápis cor de pele”. Youtube, 12 out. 2018. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-VGpB_8b77U>. Acesso em: 25 jun. 2021.

VALOURA, L. D. Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformado. 2005/2006. Recuperado em 26 janeiro, 2011, de Instituto Paulo Freire: Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_a_utor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador#:~:text=Empoderamento%20deriva%20da%20ideia%20Freiriana,grupo%20\(Valoura%2C%202006\)%20](https://www.researchgate.net/publication/303912423_Paulo_Freire_o_educador_brasileiro_a_utor_do_termo_Empoderamento_em_seu_sentido_transformador#:~:text=Empoderamento%20deriva%20da%20ideia%20Freiriana,grupo%20(Valoura%2C%202006)%20). Acesso em 27 ago. 2021.

WERNECK, Jurema. Racismo institucional e saúde da população negra. **Saúde soc.** São Paulo, v. 25, n. 3, p. 535-549, Sept. 2016. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010412902016000300535&lng=en&nrm=iso. Acesso em 08 mar. 2021.

XAVIER, P. M. A.; FLÔR, C. C. C. Saberes Populares E Educação Científica: Um Olhar a Partir Da Literatura Na Área De Ensino De Ciências. **Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 17, n. 2, p. 308–328, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/PjmFfJg5cHvJQKXySwRnZ4G/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 31 jan. 2022.